

# Maconha, o Perigo Minimizado

Ten. Cel. Inf. QEMA

FILADELFO REIS DAMASCENO

## INTRODUÇÃO

Tendo freqüentado, em 1973, o *Curso de Combate a Tóxicos* promovido pelo Departamento de Polícia Federal, em São Paulo, ministrado por técnicos do *Bureau de Narcóticos e Drogas Perigosas* (BNDD), dos Estados Unidos, passei a compreender melhor o grave perigo representado pelo uso indiscriminado de drogas e substâncias psicotrópicas, passando a me interessar pelo assunto e a acompanhar a sua evolução.

Problema complexo e de difícil solução, ao mesmo tempo social, político, educacional, sanitário e de segurança nacional, o consumo indevido de drogas diz respeito a todos os cidadãos preocupados com o futuro de seu país. É evidente que deve ser cogitação constante de pais e mestres, uma vez que a experiência mundial demonstra que os aspectos educacionais e preventivos devem prevalecer sobre as medidas repressivas, a cargo da Polícia e da Justiça, bem como sobre a recuperação a cargo da Medicina, cujos resultados, em todas as partes, são muito modestos em relação ao alastramento dessa chaga social.

Empreendemos o presente trabalho ante a gravidade com que se apresenta o problema da maconha no Brasil, por razões sócio-econômicas que lhe dão a primazia de droga mais

consumida entre nós, como também por constatar que existe muita desinformação a respeito da mesma. Como é notório, não existe um consenso quanto à inocuidade da maconha, mas, incompreensivelmente, observa-se em parte da imprensa um tratamento benévolo e parcial com relação a droga, enfatizando as declarações favoráveis à mesma e minimizando ou omitindo as opiniões a respeito de seus malefícios e periculosidade.

### MACONHA: ANJO OU DEMÔNIO ?

Dentre os psicotrópicos conhecidos, a maconha é sem dúvida alguma o mais polêmico e contravertido. Não existe, de modo algum, um consenso a respeito dos seus efeitos e danos sobre o organismo humano. As opiniões variam enormemente, causando debates apaixonados, cada corrente de estudiosos avocando o direito de ser "dona da verdade".

O problema da maconha foi sintetizado magistralmente por José Elias Murad, eminente estudioso do problema de tóxicos no Brasil, nas seguintes palavras: "As controvérsias sobre os efeitos da maconha adquirem o caráter de uma verdadeira luta científica. Existem duas correntes principais entre os farmacologistas. Uma delas, menos numerosa, acha que os efeitos mentais da maconha são mínimos e, na maioria dos casos, apenas psicológicos. São eles os que propugnam pela sua liberação, julgando-a menos nociva do que o álcool e o fumo. A outra corrente, mais significativa, acha entretanto que a maconha pode provocar alterações mentais graves que atingem os limites da verdadeira psicose tóxica. Estes condenam vigorosamente o seu uso e pleiteiam das autoridades um controle ainda mais rigoroso sobre a droga".

O problema foi apresentado de modo preciso e conciso, dispensando outras considerações a respeito. Passemos, portanto, a analisar as razões de cada uma das correntes, que fundamentam as posições que dotaram com relação a maconha.

## A CORRENTE FAVORÁVEL À MACONHA

Os que adotam uma atitude favorável à maconha, julgando-a inofensiva e defendendo a liberação de seu uso, apresentam uma série de argumentos e considerações em defesa de sua tese.

Afirmam que a maconha não provoca a dependência física e, em conseqüência, os viciados não apresentam a síndrome de abstinência ou de privação, ou seja, grande ansiedade quando privados da droga. Dizem também que a maconha não causa o fenômeno da tolerância, exigindo um aumento constante da dosagem para produzir efeitos. O uso da maconha é periódico, podendo ser interrompido em qualquer tempo sem maiores conseqüências. A maconha não conduz ao uso de drogas mais potentes, por compulsão fisiológica ou necessidade do organismo.

Os partidários dessa corrente argüem ainda que não há prejuízos fisiológicos evidentes causados pelo uso da maconha, como se constata com outras drogas, sendo, por isso mesmo, menos prejudicial do que o álcool e o fumo. Declaram também que, de acordo com as normas da Organização Mundial de Saúde, a maconha pode ser considerada, quando muito, como um hábito, uma vez que produz efeitos nocivos, discutíveis, nos indivíduos, sem afetar a comunidade; não existe tolerância, a dependência é mais de ordem psíquica do que fisiológica e existe apenas o desejo mas nunca uma necessidade física imperativa obrigando o uso da droga. Acrescentam que não está provada qualquer relação entre o uso da maconha e o aumento da agressividade e da criminalidade e que os casos apontados devem ser atribuídos, antes de tudo, à auto-sugestão e não à droga.

## A CORRENTE CONTRÁRIA À MACONHA

Os que combatem sistematicamente o uso da maconha e são favoráveis a sua proibição apresentam argumentos bastante diferentes dos que já foram expostos.

Argumentam que a maconha é um alucinógeno, semelhante ao LSD, embora de efeitos mais moderados. Ingerida em doses maciças e continuadas, provoca psicoses tóxicas parecidas com as do LSD. O uso prolongado da maconha, em grandes doses, provoca distúrbios e perturbações mentais, em alguns casos, enquanto em outros faz dos viciados elementos vencidos, indolentes, preguiçosos e sem objetivos na vida. A maconha provoca a dependência psíquica que, muitas vezes, é mais prejudicial do que a dependência física. A maconha conduz ao uso de outras drogas mais potentes, seja pela tendência gregária do viciado seja pelo contato com traficantes que vendem as demais e são apresentadas como substitutivo. Há uma relação entre o uso da maconha e o aumento da criminalidade, não somente em razão dos efeitos da droga, como pelo envolvimento do viciado em uma atividade ilegal, o tráfico de drogas, que cria a figura do viciado-traficante, acarretando, mais cedo ou mais tarde, um ajuste de contas com a Polícia e a Justiça, podendo trazer sérias conseqüências e prejuízos para os jovens.

### AS RAZÕES DAS DIVERGÊNCIAS

Apresentados os argumentos pró e contra o uso da maconha, ficamos na dúvida quanto à validade dos mesmos. Com quem está a razão? Como explicar tal divergência de opiniões? O fato concreto é que toda a celeuma em torno da maconha deriva de dois aspectos singulares da droga, que passaremos a apresentar em seguida: 1.º) a característica *sui generis* da maconha de provocar as mais variadas reações, de acordo com as circunstâncias; 2.º) embora seja uma das drogas mais antigas, de uso milenar, o conhecimento científico da maconha é muito recente, havendo ainda muitos aspectos obscuros a esclarecer.

### OS EFEITOS MUTÁVEIS DA MACONHA

Grande parte da polêmica existente sobre a maconha resulta de generalizações feitas por pesquisadores e curiosos a

respeito de suas experiências com a droga. Dependendo dos resultados observados, uns e outros passaram a considerá-la danosa ou inofensiva, gerando uma literatura contraditória, que muito contribui para aumentar a confusão, deixando os leigos perplexos e sem orientação.

Este aspecto desconcertante foi sintetizado, aliás, com perfeição, por De Ropp, quando afirmou: "Dificilmente existe outra droga, dentro ou fora da farmacopéia, mais envolta em mistério, mais ricamente marchetada de pequenos e grandes conceitos ambíguos do que as espigas florescentes da planta fêmea da *Cannabis Sativa*. Cada aspecto do efeito da maconha parece estar sujeito a espantosas variações, como se o espírito ou gênio impio encerrado na planta se alegrasse por sua capacidade de mudar as reações segundo o seu arbitrio".

É evidente, pois, que a maconha é uma droga de controle muito difícil, apresentando grande número de variáveis para a avaliação de seus efeitos, tendo como os principais a personalidade do experimentador, a pureza da droga e a quantidade ministrada, o modo de administração da droga e, até mesmo, o ambiente e as condições da experiência.

Quanto à personalidade do experimentador, inúmeros fatores devem ser levados em conta, pois influem nos efeitos produzidos. Em primeiro lugar, saber se se trata de pessoas normais, psicopatas ou indivíduos predispostos a problemas psicológicos, porque nos casos de anormalidade latente as reações são mais acentuadas. Também as pessoas que já experimentaram outras drogas são mais sensíveis à maconha. Além disso, o humor e estado de espírito do indivíduo, no momento da experiência, exercem influência sobre os efeitos. O grau de sugestibilidade do indivíduo também contribui para variar o efeito, pois, já foi constatado que, mesmo com drogas mais fortes, como a morfina, trinta por cento não percebeu a substituição por uma substância neutra e demonstrou sentir os mesmos efeitos da droga substituída.

A dosagem da droga, o grau de pureza e a concentração dos ingredientes ativos estão sujeitos a vários fatores, que res-

pondem pela existência de vários tipos da droga: há maconha e maconha. O terreno e as condições meteorológicas contribuem para a maior ou menor produção da resina de onde se extrai a maconha. A maneira de preparar, o acondicionamento, a seleção das partes da planta e a mistura com outras substâncias determinam o grau de pureza. Em consequência, existem vários tipos de maconha, umas mais fortes e outras mais fracas muitas vezes catalogadas pelos viciados pela sua origem. O ingrediente ativo da maconha, o Tetrahydrocannabinol (THC), pode variar de 4 a 6% na maconha comum, 16% no haxixe ou charas, até atingir uma concentração de 40 a 60% em um óleo ou mel preparado no Oriente Médio. Na realidade, porém, tudo é maconha, donde a dificuldade de se fazer previsões antecipadas sobre os efeitos da droga.

O modo de administração da droga também influi nos efeitos. Ela pode ser mastigada, ingerida como tempero, injetada, embora a forma mais usual seja a inalação da fumaça, através da prática do fumo, que parece apresentar resultados mais eficazes.

O ambiente em que se realiza a experiência contribui para alterar os efeitos. Num local tranqüilo, sem os inconvenientes de ser molestado pela ação policial, a ação da droga é mais rápida e eficaz. A experiência revela também que há uma tendência gregária do tomador de maconha, pois consideram que, quando ingerida em grupo, os efeitos são muito mais intensos.

Os aspectos apresentados, grandemente variáveis, indicam que não se pode determinar, *a priori*, quais os efeitos produzidos por determinada amostra de maconha sobre uma pessoa.

### O Recente Controle Científico

Apesar de conhecida e utilizada há vários séculos, somente há pouco tempo a maconha passou a ser estudada cientificamente. Até então todo o conhecimento sobre a dro-

ga pôde ser considerado empírico, fruto da observação e de experiências não controladas.

Em 1966, o médico israelense Baphal Mecoulam, bolsista de Jerusalém, conseguiu sintetizar dois isômeros, o 1. delta-9 e o 1. delta-8, Tetrahydrocanabiol (THC), que produzem efeitos semelhantes aos dos ingredientes mais ativos da *Cannabis Sativa* ou maconha. A partir dessa descoberta, vêm sendo realizados estudos científicos sobre a planta, pois se pode controlar rigorosamente a dosagem ministrada e avaliar os efeitos obtidos.

### A PALAVRA ATUAL DA CIÊNCIA

Como somente há poucos anos foi obtida a síntese, em laboratório, do Tetrahydrocanabiol (THC), o elemento ativo da maconha responsável pelos efeitos sobre o organismo, permitindo experiências controladas, o conhecimento a respeito da maconha é ainda muito limitado e muitos aspectos permanecem obscuros, embora já se possa estabelecer algumas conclusões sobre o problema.

Há concordância geral que a maconha não provoca dependência física, nem síndrome de abstinência ou tolerância. Não há dúvidas também quanto ao fato de provocar a dependência psíquica. Na opinião do Dr. Artur H. Cain, estudioso do problema de drogas e autor de vários livros sobre o assunto, a dependência psíquica é muito mais grave do que a física: "Por muitas razões, preferia ser fisicamente viciado, do que ser vítima de uma *simples* dependência psicológica".

Embora não tenha sido provado, até o momento, que o uso da maconha conduza ao consumo de outras drogas, por compulsão fisiológica, os fatos estão a indicar uma relação entre o uso da maconha e o de outras drogas mais fortes. Seja por já possuírem predisposição ao consumo de psicotrópicos, que é despertada pela maconha, ou por ingresarem, através dessa, no submundo e na cultura dos tóxicos,

mediante o contato com traficantes que vendem as demais, a verdade é que as estatísticas demonstram que a grande maioria dos viciados em drogas mais potentes começou usando a maconha. Em 1970, o Dr. R. C. Pillard declarou sobre o assunto: "Em suma, ninguém deixou de encontrar uma relação estatística entre a maconha e o uso de outras drogas".

Quanto aos prejuízos fisiológicos causados pela maconha, os estudos recentes concluíram pela confirmação. Um pesquisador americano constatou que altas doses de maconha provocaram reações graves em todas as pessoas tratadas. Um estudo, realizado pelo *National Institute of Mental Health* dos Estados Unidos, revelou a ocorrência de reações psicóticas em pessoas que haviam tomado pequenas doses de maconha. A dose correspondente a um cigarro pode fazer o indivíduo ficar excitado, alegre ou tolo.

Em abril de 1971, a publicação *Journal*, da Associação Americana de Medicina, divulgou um estudo dos psiquiatras Harold Kolansky e William T. Moore sobre o consumo de maconha entre 38 pacientes, com idades variando entre 13 e 24 anos. A pesquisa estendeu-se por cinco anos e os médicos concluíram que a maconha provoca efeitos danosos. Dos 38 pacientes, oito tornaram-se psicóticos, quatro tentaram o suicídio, 13 jovens solteiras tiveram sexualmente promíscuas (algumas com outras mulheres e outras com ambos os sexos) e sete engravidaram. Dezoito pacientes deixaram-se dominar pela ansiedade, depressão e apatia e muitos encontraram dificuldades para se concentrarem, lembrarem fatos passados, conversarem com clareza e distinguirem a realidade da fantasia. As 38 pessoas estudadas pelos citados cientistas consumiram apenas maconha e nenhuma delas apresentava qualquer perturbação mental antes do início da experiência.

Na Inglaterra, em dezembro de 1971, a revista *The Lancet* publicou um informe de vários especialistas ingleses, afirmando que o uso prolongado da maconha pode provocar atrofia cerebral. O estudo era assinado pelo Chefe do Depar-

tamento de Neurologia dos Hospitais Reais de Bristol, C. Champbell, e pelo psiquiatra do Hospital Witchurch, Dr. Evans, entre outros especialistas. A conclusão foi baseada em exames de encefalografia de 10 pessoas, com idade média de 22 anos e todas consumidoras de maconha por um período mínimo de três anos e máximo de 10 anos, os quais revelaram importante atrofia cerebral nos 10 pacientes, que sofriam de hemicrania (enxaqueca) mais ou menos aguda e de amnésia.

Quanto ao comportamento anti-social e criminoso de viciados em maconha é fato sobejamente conhecido das autoridades policiais. A explicação científica é a de que a maconha provoca a desinibição, aumenta a sugestionabilidade, remove a autocritica e os freios do consciente e libera as taras, paixões e instintos latentes. Os indivíduos portadores de distúrbios psíquicos, revelados ou adormecidos, podem ser compelidos a atos impulsivos ou agressivos, como uma reação ao pânico provocado pela droga. Além disso, as alterações visuais e auditivas, a dificuldade de concentração e de coordenação motora e diminuição acentuada da percepção do tempo e espaço levam o indivíduo a um entorpecimento, que tem sido responsável por numerosos acidentes de trânsito.

As razões acima apontadas, baseadas em experiências científicas, foram suficientes para que a grande maioria dos pesquisadores considerasse a maconha como uma droga perigosa, cujo uso e tráfico devem ser combatidos rigorosamente pela lei.

## CONCLUSÃO

Há muita desinformação e distorção a respeito do problema da maconha, que se encontra muito mal colocado perante a opinião pública. O assunto é quase sempre cercado de sensacionalismo, no noticiário policial, havendo um destaque suspeito para as declarações favoráveis ao uso da maconha e uma estranha diferença ou omissão para as opiniões contrárias à liberação do uso da droga. Os profissionais de

Comunicação têm uma importante tarefa a realizar, mostrando que a maconha não é inofensiva, nem inócua como se propala seguidamente, mas uma droga perigosa e potencialmente perigosa. Para isto precisam, antes de tudo, acompanhar os estudos mais recentes, as pesquisas controladas, convencendo-se dos malefícios do vício e divulgando as razões pelas quais o seu uso e tráfico são proibidos na maioria dos países civilizados, inclusive o Brasil. É necessário substituir o clima de dúvida, tolerância e conformismo, que cerca o problema e cria uma imagem socialmente aceita, por uma atitude mais realista para enfrentar a gravidade da questão. Uma reportagem indicando as plantações clandestinas e levantando as fontes de produção de maconha tem muito mais interesse e alcance social do que a prisão de traficantes e atravessadores, vendedores a varejo, nas grandes cidades.

A proibição com relação ao cultivo, tráfico e uso da maconha existe e deve ser mantida porque não há dúvida quanto aos males causados pela droga, sendo irrelevante e ainda discutível o seu grau de periculosidade na escala das drogas. É o caso de indagar: Por que acrescentar mais uma droga maléfica às que já são permitidas? Para mais tarde combatê-la como ao fumo e álcool? Qual o nosso procedimento, uma vez legalizada a maconha, se os defensores das Anfetaminas argüissem que sob certos aspectos, a maconha é mais prejudicial que as mesmas? Onde vamos parar?

O Brasil encontra-se no caminho certo ao proibir a maconha. Tudo devemos fazer no sentido de limitar o seu uso e a sua difusão, seja através de medidas repressivas, seja, principalmente, por meios preventivos, educativos, evitando a tentação de provar o primeiro cigarro. Somente assim nos livraremos do quadro desolador e triste existente em alguns países, onde, mesmo cientes dos graves danos causados pela maconha, os governos foram forçados a liberá-la, pressionados por uma legião assustadora de viciados e por uma opinião pública mal informada e iludida pelas aparências. Alertar todos os cidadãos para os perigos da maconha, mediante a

apresentação de fatos indiscutíveis, arregimentar profissionais de Comunicação, pais e educadores para a nova cruzada, objetivo do presente trabalho, parece-nos muito mais eficaz e produtivo do que as medidas repressivas, sempre incompletas e aleatórias, por incidirem sobre os efeitos e não atacarem as causas e raízes do grande mal. Na Era da Comunicação, em que vivemos, a batalha contra os tóxicos somente será ganha através da Informação, da Verdade, destruindo mitos e mostrando a hediondez do "paraíso" dos toxicômanos.

### BIBLIOGRAFIA

- José Elias Murad: *O Que Você Deve Saber Sobre Psicotrópicos.*
- Robert S. De Ropp: *As Drogas e a Mente.*
- Arthur H. Cain: *Jovens e Drogas.*
- Donald S. Louria: *Vitória sobre as Drogas.*
- Gregório Bermann: *Toxicomanias.*
- Claude Oliventein: *A Droga.*
- João Bernardino Gonzaga: *Entorpecentes.*
- P. C. Baudelaire: *Les Paradis Artificiels.*
- R. P. Walton: *Marihuana Problems.*
- J. Ribeiro do Valle: *Estudos sobre o Cânhamo ou Maconha.*
- O. M. Andrade: *Contribuição ao Estudo da Maconha.*
- F. A. Iglésias: *Sobre o vício da Diamba.*
- P. O. Wolff: *La marihuana en la America Latina: La amenaza que constituye.*
- *Bureau de Narcóticos e Drogas Perigosas (BNDD) dos Estados Unidos: Notas para o Curso realizado pelo DPF em São Paulo.*